

O Espaço e a sua Funcionalidade n'Ńo dserto de
Tártaros
de Dino Buzzati

Altamir Botoso*

Índice

1	Introdução	2
2	A Temática do Insulamento	3
3	A cidade, a casa e o quarto	4
4	A Estrada	6
5	O Forte	8
6	Casa e jardim: Um idílio amoroso?	11
7	As Janelas	13
8	Palavras Finais	15
9	Referências	16

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o espaço e a sua funcionalidade no romance *O deserto dos Tártaros*, de Dino Buzzati. Nesta obra, o espaço torna-se fundamental para a compreensão do universo que cerca o protagonista da história,

*Doutor em Letras pela UNESP Ő Campus de Assis-SP (Área de Teoria Literária e Literatura Comparada), professor de literatura espanhola e hispano-americana da UNIMAR Ő Universidade de Marília-SP) e professor do Curso de Mestrado da Unimar, Área de Letras.

Giovanni Drogo, revelando a sua imobilidade e a sua incapacidade para agir diante dos conflitos que surgem na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: tempo; espaço; *O deserto dos Tártaros*; Dino Buzzati; literatura italiana.

1 Introdução

O estudo do espaço, com raríssimas exceções, sempre foi um pouco negligenciado pela crítica. Entretanto, a bibliografia sobre outros componentes estruturais da narrativa tais como personagens, foco narrativo e tempo é muito extensa. A que se deve então essa retração da crítica em relação ao espaço romanesco? Uma possível resposta a esta pergunta é o fato de que “em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por este motivo, sua importância torna-se secundária” (CANDIDO, 1972: 8).

Essa resposta não é a única possível à pergunta que formulamos acima e, certamente, há outras mais plausíveis. Não obstante, não é nossa intenção discorrer sobre os fatores que levaram e levam os críticos a ignorar, ou pelo menos, a relegar o espaço a um segundo plano. O mais importante é observar que no Brasil, há instigantes estudos sobre o assunto. Os mais conhecidos são os trabalhos de Antonio Candido: “Degradação do espaço”, no qual analisa a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em *L’Assomoir*, obra de Émile Zola (CANDIDO, 1972: 7-36); “De cortiço a cortiço”, onde o crítico brasileiro afirma que o livro de Aluisio Azevedo é inspirado em *L’Assomoir*, apresentando o mesmo tema: a vida de trabalhadores pobres num cortiço e estuda as diferenças entre os dois cortiços [2500?] o francês e o brasileiro (CANDIDO, 1993: 123-52). Destaca-se ainda sobre este assunto o livro de Osman Lins (1976), *Lima Barreto e o espaço romanesco* que, como já esclarece o título, trata-se de uma análise do espaço nos romances de Lima Barreto.

Tais estudos comprovam a importância e relevância do assunto. Portanto, “longe de ser indiferente, o espaço num romance exprime-se [...] em formas e reveste sentidos múltiplos até constituir por vezes a razão de ser da obra” (BOURNEUF e OUELLET, 1976: 131). Essa importância e “sentidos múltiplos” do componente espacial romanesco levam-nos a analisar o romance *O deserto dos Tártaros* (1986), de Dino Buzzati, publicado pela primeira vez em 1940, dando ênfase ao espaço e suas funções em nossas observações.

Salientamos que não pretendemos esgotar o assunto neste artigo, mas tão somente levantar e analisar o espaço e seus componentes mais relevantes (a casa, o quarto, a cidade do personagem Giovanni Drogo; a estrada percorrida

várias vezes no livro e que o leva até o forte; as janelas do forte Bastiani e da estalagem onde Drogo se hospeda ao final da obra etc.). Em nossas análises, valer-nos-emos dos estudos de Osman Lins e Antonio Candido e das teorias de Mikhail Bakhtin e Iuri Lotman.

Sigamos adiante com nosso propósito, tratando do tema da obra e sua relação com o espaço.

2 A Temática do Insulamento

No romance *O deserto dos Tártaros*, o personagem central, Giovanni Drogo, é nomeado oficial do forte Bastiani. Seu posto é o de tenente e o forte onde deveria exercer suas funções localiza-se na fronteira do deserto de um país “não situado geograficamente” (OTTAVI, 1981: 65). Giovanni espera servir pelo período de quatro meses e depois ser transferido para a cidade.

No forte, os demais soldados e oficiais vivem à espera de um possível ataque dos Tártaros, antigos habitantes do deserto. Outros soldados crêem que tudo seja apenas lenda e que tais habitantes não existem. Contudo, Drogo permanece no forte por mais de trinta anos, sem que nada de excepcional aconteça. Acaba adoecendo e, então, das terras do deserto, finalmente, o ataque ao forte é iminente, mas o leitor não chega a saber se são realmente os Tártaros ou outro povo invasor, porque o protagonista, contra a sua vontade, é mandado de volta para a cidade, a fim de restabelecer a sua saúde. Ele acredita que vai morrer e decide não retornar a sua casa e se aloja numa estalagem que encontra no caminho. Com a saúde extremamente debilitada, ele adormece próximo à janela do quarto que ocupa na estalagem e assim termina o romance.

O tema da obra, e aqui estamos pensando no “tema estruturador” ou “in-citador” que tem a função de “propiciar una escritura y una lectura literarias” (GUILLÉN, 1984: 249), é a vida de um ser humano que se consome inutilmente à espera de um combate que nunca chega a ocorrer. A vida inteira de Giovanni Drogo é marcada pelo “fenômeno do ilhamento” ou “insulamento” (LINS, 1976: 35). Ele está sempre só, não tem amigos e parece viver “fechado em si mesmo num mundo onde as comunicações foram cortadas” (LINS, 1976: 36).

A falta de comunicação faz com que o personagem isole-se completamente na esperança vã de se tornar um herói, caso a invasão dos Tártaros realmente viesse a ocorrer.

A imensidão do deserto e a vida rotineira do forte acabam contaminando o tenente Drogo, que acabará sua vida sem nada ter realizado, “prisioneiro da própria ilusão” (SALA, 1976: 14). Drogo e os demais soldados pare-

cem transformar-se num prolongamento do forte, estão como que petrificados, amalgamados à construção, e assim, quase coisificados, são incapazes de abandoná-la.

Dessa forma, o espaço harmoniza-se com o personagem: o deserto e o forte tornam-se a metáfora da solidão do tenente Drogo, sempre mais voltado à contemplação que à ação. O seu insulamento irá afastá-lo da possibilidade de constituir família, abandonar o forte e enfrentar a realidade, como teremos oportunidade de verificar na sequência deste artigo.

3 A cidade, a casa e o quarto

A primeira notação espacial que aparece no romance é o quarto do personagem Giovanni Drogo, no primeiro capítulo. Ele está se preparando para deixar a cidade e se dirigir ao forte Bastiani:

Pediu que o acordassem de noite ainda e vestiu pela primeira vez o uniforme de tenente. Quando terminou, olhou-se no espelho, à luz de um lampião de querosene, mas sem sentir a alegria que imaginava. Na casa reinava um grande silêncio, ouviam-se apenas vagos rumores vindos do quarto vizinho; sua mãe estava se levantando para despedir-se dele. (BUZZATI, 1986: 7).

Trata-se de um quarto simples, embora o narrador não nos forneça muitos detalhes. Sabemos apenas que há um espelho e um lampião e que o personagem veste sua farda e olha-se no espelho. Em seguida, Drogo passeia pelo quarto tomado pelo nervosismo da partida, “sem conseguir achar o relógio, o chicote, o quepe, que, no entanto, se encontravam no lugar de sempre” (BUZZATI, 1986: 8).

Sobre a casa nada mais é dito. Nada ficamos sabendo sobre a sua localização, suas divisões, sua cor, se é de madeira ou tijolos, se possui jardim ou não. Mas somos informados que há um outro quarto, o da mãe, e aí já podemos intuir que Drogo é um solitário, que vive apenas na companhia da mãe. O seu nervosismo justifica-se: ele vai mudar radicalmente de vida ou, pelo menos, ele acredita nessa possibilidade.

No parágrafo seguinte, a cidade onde mora o protagonista é apresentada ao leitor. Giovanni está partindo e seu amigo de infância, Francesco Vescovi, acompanha-o até a saída da cidade: “O tropel dos animais ressoava nas ruas desertas. Alvorecia, a cidade ainda estava imersa no sono, aqui e ali, nos últimos andares, algumas persianas se abriam, apareciam rostos cansados, olhos apáti-

cos fixavam por um instante o nascimento maravilhoso do sol.” (BUZZATI, 1986: 9).

A cidade não recebe nenhum nome por parte do narrador, o qual se limita a muito mais a sugeri-la do que a descrevê-la exaustivamente. Repete-se o mesmo procedimento visto quando tomamos conhecimento do quarto do tenente Drogo: apenas o essencial nos é transmitido e, assim mesmo, rapidamente:

Haviam chegado no topo de uma subida. Drogo virou-se para trás a fim de olhar a cidade contra a luz; a fumaça matinal erguia-se dos telhados. Enxergou de longe a própria casa. Identificou a janela de seu quarto. Provavelmente as vidraças estavam abertas, as mulheres ocupadas arrumando. Desmanchariam a cama, guardariam no armário os objetos, em seguida trancariam as persianas. Por meses e meses ninguém ali entraria, exceto a paciente poeira e, nos dias de sol, ténues réstias de luz. Eis, mergulhado no escuro, o pequeno mundo de sua meninice. (BUZZATI, 1986: 10).

No trecho transcrito, ocorre a gradação de um espaço amplo para um restrito: cidade[2500?]/casa[2500?]/quarto. Sobre a cidade e a casa nada de relevante é acrescentado, mas em relação ao quarto, somos informados da existência de uma cama e um armário onde são guardados os objetos pertencentes ao tenente. As mulheres a que se refere o narrador são a mãe de Drogo e a empregada, Giovanna. A descrição que à primeira vista pode parecer parca e insuficiente, basta para nos fornecer uma idéia do personagem central e do seu ambiente familiar: trata-se de uma família modesta que se compõe de apenas dois elementos (mãe e filho), sendo este obrigado a sustentá-la. Embora tenham uma empregada, tudo nos faz supor que a família não seja abastada. O quarto (com a cama, o armário, o espelho e o lampião) sugere que seu habitante possa ser uma pessoa bastante austera e solitária. Com acerto afirmam René Wellek e Austin Warren (1971: 279), que “o interior doméstico pode ser concebido como expressão metonímica ou metafórica da personagem. A casa em que um homem vive é um prolongamento deste. Descrevê-la é descrever o seu ocupante”.

O ocupante da casa ou, mais especificamente, do quarto descrito, revela-se desde o início do romance como um personagem propenso à solidão e ao insulamento, conforme comentamos anteriormente. Mesmo a amizade com Francesco Vescovi já é coisa do passado, nada os une. Quando ele acompanha Drogo até as portas da cidade, ambos não conversam e Drogo “sentia como o outro ficara distante” (BUZZATI, 1986: 9).

Portanto, o espaço possui uma função claramente caracterizadora nas primeiras páginas do romance, servindo para precisar e revelar o personagem Giovanni Drogo aos olhos do leitor. Como pudemos verificar, “o espaço caracterizador é em geral restrito [2500?] um quarto, uma casa [2500?], refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de os dispor e conservar, o modo de ser da personagem” (LINS, 1976: 98).

4 A Estrada

Para chegar ao forte Bastiani, Drogo precisa percorrer uma longa estrada. O caminho é acidentado, pedregoso, cheio de vales e montanhas: “Ansioso por chegar, Drogo, sem deter-se para comer, impulsionou o cavalo já cansado pela estrada acima, que se tornara íngreme e encastrada no meio de abruptas ribanceiras” (BUZZATI, 1986: 10).

Com o passar das horas, a estrada piora, a distância parece infinita. Exausto, finalmente Drogo avista o forte “quase inacessível” e “totalmente separado do mundo”:

Numa fenda dos penhascos vizinhos, já encobertos pela escuridão, atrás de uma caótica escadaria de cristas, a uma distância incalculável, imerso ainda no sol vermelho do poente, como que saindo de um encantamento, Giovanni Drogo avistou um morro pelado e no topo dele um traçado regular e geométrico, de uma singular cor amarelada: o perfil do forte.

Oh, tão longe ainda. Quem sabe quantas horas de estrada, e seu cavalo já estava esfalfado. Drogo o fitava fascinado, perguntava-se o que podia haver de desejável naquele casarão solitário, quase inacessível, tão separado do mundo. Que segredo ocultava? (BUZZATI, 1986: 12).

A estrada pela qual transita o personagem reveste-se de um valor simbólico: é o caminho sem volta que conduz o personagem para a morte. Os sentimentos que têm o personagem ao percorrê-la: cansaço, solidão e angústia, serão os mesmos que estarão presentes em sua vida no forte. Mesmo antes de iniciar o trajeto, Drogo já sentia “um vago pressentimento de coisas fatais, como se estivesse para iniciar uma viagem sem retorno” (BUZZATI, 1986: 8).

Mais adiante, o tenente fica “pensando no caminho que faltava, na gente que encontraria no forte, na vida futura, sem reconhecer qualquer motivo de contentamento. O cavalo às vezes batia os cascos no chão de modo antipático e esquisito” (BUZZATI, 1986: 13). Este fragmento, como o anterior, são

indícios de que a empreitada de drogo será um fracasso, um caminho sem volta.

É ainda no seu caminho para o forte que o jovem tenente encontra um oficial [2500?] o capitão Ortiz [2500?] que presta serviço no forte e o conduz até lá:

Estreitando-se o vale, as duas estradas se avizinham e Giovanni Drogo viu que o outro era um capitão. [...]

[...] De fato, meia hora depois, num estreitamento da garganta, surgiu uma ponte. As duas estradas juntavam-se numa só.

Na ponte, os dois se encontraram. Sempre a cavalo, o capitão aproximou-se de Drogo e estendeu-lhe a mão. (BUZZATI, 1986: 14-15).

Em muitos romances, conforme pondera Mikhail Bakhtin (1988: 349-50) em sua obra *Questões de literatura e de estética*,

os encontros ocorrem frequentemente na 'estrada'. Ela é o lugar preferido dos encontros casuais. Na estrada [...] cruzam-se num único ponto espacial e temporal os caminhos espaço-temporais das mais diferentes pessoas, representantes de todas as classes, situações, religiões, nacionalidades, idades. Aqui podem se encontrar por acaso, as pessoas normalmente separadas pela hierarquia social pelo espaço, podem surgir contrastes de toda espécie, chocarem-se e entrelaçarem-se diversos destinos.

O fragmento do romance acima mencionado comprova que a estrada é o lugar dos "encontros", do entrecruzar e do entrechocar de "diversos destinos". O capitão Ortiz já está no forte há quase dezoito anos e, quando conversa com o jovem oficial, alerta-o sobre a vida inútil e monótona daqueles que estão lá:

[2500?] É um trecho de fronteira morta [2500?] acrescentou Ortiz. [...]

[2500?] Como: fronteira morta?

[2500?] Uma fronteira que não dá problemas. [...]

[2500?] Então o forte nunca serviu para nada?

[2500?] Para nada [2500?] disse o capitão. (BUZZATI, 1986: 19).

No entanto, Drogo acaba não levando em consideração a conversa com Ortiz e permanece no forte durante toda a sua juventude até chegar à velhice. Há uma simetria perfeita do encontro de Drogo com o capitão Ortiz, no segundo capítulo do livro, com o capítulo vinte e cinco. Neste capítulo, Giovanni já está velho, conseguiu a patente de capitão e está voltando ao forte, após alguns dias de licença e encontra na estrada um tenente:

Exatamente como naquele dia, pensou, com a diferença de que os papéis haviam sido trocados e agora era ele, Drogo, o velho capitão que subia pela centésima vez ao forte Bastiani, enquanto o novo tenente era um certo Moto, uma pessoa desconhecida. Drogo entendeu que transcorreria uma geração inteira nesse ínterim, que ele já ultrapassara o cume da vida para o lado dos velhos, onde naquele dia remoto lhe parecera que se encontrava Ortiz. E com mais de quarenta anos, sem ter feito nada de bom, sem filhos, realmente só no mundo, Giovanni olhava espantado à sua volta, sentindo o próprio destino declinar.

Via rochedos incrustados de touceiras, canais úmidos, longínquas cristas que se amontoavam no céu, a face impassível das montanhas; e do outro lado do vale aquele tenente novo, tímido e desorientado, que se iludia, certo de não permanecer no forte senão poucos meses, e que sonhava com uma carreira brilhante, feitos gloriosos, românticos amores. (BUZZATI, 1986: 209-210).

Até este momento, Drogo não se dera conta de que o tempo havia passado. O jovem Moro, ao que tudo indica, percorrerá o mesmo caminho do velho capitão Drogo. Eles compartilham o mesmo destino: “Drogo avistou a ponte em que se uniam as duas estradas, pensou que dentro em breve deveria pôr-se a falar com o novo tenente e sentiu um grande pesar” (BUZZATI, 1986: 210).

O contraste inicial entre juventude e velhice (Drogo x capitão Ortiz) repete-se no fim do romance, com a diferença de que o jovem tornou-se velho. Drogo é o capitão que já passara para “o lado dos velhos” e o jovem inseguro que vem pela estrada é o tenente Moro, que um dia chegará também a ser “o velho capitão Moro”. A estrada percorrida pelos personagens torna-se uma metáfora do “caminho da vida” (BAKHTIN, 1988: 350), que fatalmente os conduzirá a um mesmo fim: o envelhecimento, a doença e, em última instância, à morte.

5 O Forte

A construção militar para a qual Drogo foi designado é descrita no segundo capítulo do romance. Ele está indo a cavalo pela estrada, encontra o capitão Ortiz e ambos prosseguem a viagem juntos. Em dado momento, o forte surge diante deles:

Parecia realmente pequeno, comparado à visão anterior. Do forte central, que no fundo se assemelhava a uma caserna com poucas janelas, saíam duas

baixas muralhas em ameias que o ligavam aos redutos laterais, dois de cada lado. As muralhas barravam fragilmente todo o desfiladeiro, de uns quinhentos metros de largura, fechado nos flancos por altos penhascos encarpados.

À direita, exatamente embaixo da parede da montanha, a esplanada enfossava-se numa espécie de sela; lá passava a antiga estrada do desfiladeiro, e terminava de encontro às muralhas. (BUZZATI, 1986: 22).

Drogo observa o forte com suas muralhas “nuas e amareladas” (BUZZATI, 1986: 22) e uma série de temores começa a sobressaltá-lo:

Instintivamente Giovanni Drogo deteve o cavalo. Passeando lentamente os olhos, fitava as sombrias muralhas, sem conseguir decifrar seu sentido. Pensou numa prisão, pensou num paço real abandonado. Um leve sopro de vento fez ondular uma bandeira sobre o forte, [...]. As sentinelas caminhavam lentas. [...] tudo estagnara num torpor misterioso. (BUZZATI, 1986: 23).

Os temores do personagem confirmar-se-ão no relato. Com o passar dos anos, o forte de “sombrias muralhas” transformar-se-á numa prisão da qual o protagonista não conseguirá fugir. O forte passará a exercer um fascínio e um domínio sobre Drogo do qual ele jamais conseguirá libertar-se.

Todos estes fatos nos são transmitidos por meio da ambientação reflexa, na qual “as coisas, sem engano possível, são percebidas através da personagem” (LINS, 1976: 82). Esse tipo de ambientação “como que incide sobre a personagem, não implicando numa ação” e o personagem “tende a assumir uma atitude passiva e a sua reação, quando registrada, é sempre interior” (LINS, 1976: 83), como pudemos verificar nos exemplos acima. Drogo é um personagem cuja propensão à inércia e ao isolamento acaba por segregá-lo de qualquer contato humano mais íntimo.

O forte situa-se numa faixa de fronteira e a sua existência tem uma justificativa: a defesa contra a invasão dos lendários tártaros. Assim, “a fronteira divide todo o espaço do texto em dois subespaços, que não se tornam a dividir mutuamente. A sua propriedade fundamental é a impenetrabilidade” (LOTMAN, 1978: 373). De um lado temos o forte, a civilização, e de outro, a barbárie, o desconhecido [2500?] o deserto [2500?] com seus mistérios e a possibilidade ainda que remota de um ataque vindo de sua direção. Entretanto, o deserto parece prevalecer sobre o forte, impregnando os seres que o habitam de um sentimento de infinita tristeza e solidão:

O velho forte era de fato como uma ilha perdida, rodeada por territórios vazios: à direita e à esquerda as montanhas, ao sul o longo vale desabitado e, do outro lado, a planície dos tártaros.

[...] Insensíveis aos estragos dos anos, os estrangeiros nunca se moviam, como se fossem imortais [...]. O forte, por sua vez, abrigava pobres homens indefesos contra o trabalho do tempo, cujo último limite se aproximava. (BUZZATI, 1986: 213).

Há uma oposição entre o espaço fechado do forte, onde o tempo marca a sua presença, desgastando e destruindo a vida daqueles oficiais que lá trabalham, e o espaço aberto: o deserto, insensível à ação do tempo, símbolo também da solidão, da infelicidade e da dor. O deserto, “aquela terra desolada” (BUZZATI, 1986: 49), cria uma atmosfera de angústia e opressão que “envolve” e “penetra de maneira sutil” (LINS, 1976: 76) o personagem Giovanni e os outros oficiais do forte:

Através do deserto dos tártaros restava apenas a faixa da estrada, sinal particular de ordem humana no antiqüíssimo abandono. O exército não desceu para o assalto, tudo parecia deixado em suspenso, sabe-se lá agora por quantos anos.

Assim, a planície permaneceu imóvel, as névoas setentrionais paradas, parada a vida regulamentar do forte, as sentinelas repetindo sempre os mesmos passos de um lado para o outro do caminho de ronda, igual a sopa da tropa, um dia idêntico ao outro, repetindo-se ao infinito, como um soldado que marca o passo. (BUZZATI, 1986: 214).

A rotina do forte e os dias sempre iguais são responsáveis pela atmosfera de infelicidade que perpassa a vida de Drogo, a qual é marcada por um “profundo pressentimento de coisas fatais” (BUZZATI, 1986: 214). Tal pressentimento, no entanto, não é suficiente para que o tenente afaste-se do forte. Além disso, a espera constante por uma batalha que nunca ocorre, cria no personagem uma tensão e um nervosismo constantes. Mas tudo é inútil:

Lá em cima decorrera sua existência segregada do mundo, à espera do inimigo ele se atormentara por mais de trintas anos [...].

Os olhos de Drogo fitavam, intensos como nunca, as paredes amareladas do forte, os perfis das casamatas e dois paióis. Lentas lágrimas amargas rolavam por sua pele enrugada, tudo terminara miseravelmente e não restava nada a dizer. (BUZZATI, 1986: 234).

Envelhecido, isolado de tudo e de todos, Drogo tem um destino semelhante ao do personagem Brás Cubas de Machado de Assis (1998: 221): “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria.” As palavras finais de Brás Cubas, guardadas as devidas proporções, são um reflexo da vida de Drogo: sem parentes (a mãe já morrera), adoentado, o capitão termina seus dias “miseravelmente”, “sem ter feito nada de bom, sem filhos, realmente só no mundo” (BUZZATI, 1986: 209-210). O forte convertera-se na sua prisão e, poderíamos até dizer, na sua câmara mortuária. A vida inteira de Drogo é passada entre as paredes do forte. Sem dúvida esse espaço restrito e esquecido pelo mundo torna-se o seu algoz, minando a sua juventude, consumindo os seus anos e, finalmente, destruindo-o. A fortaleza-túmulo cumpre o seu papel: Giovanni chegara lá jovem e, embora não morra dentro do forte (ele é forçado a deixá-lo), quando parte, já é quase um cadáver: “um corpo vazio de vida”, apenas com “a descarnada armação dos ossos” (BUZZATI, 1986: 226). Ele escolhe morrer numa estalagem, à beira da estrada, longe de tudo e de todos, confirmando-se e acentuando-se uma vez mais, o seu total insulamento, o seu afastamento da sociedade e de toda e qualquer possibilidade de contato ou comunicação com o próximo.

6 Casa e jardim: Um idílio amoroso?

No capítulo dezenove do livro, Drogo tira uma licença e volta à cidade para rever a mãe. Aproveita o breve retorno para ver também Maria, irmã de seu amigo Francesco Vescovi, “que um dia talvez seria sua esposa” (BUZZATI, 1986: 78). O encontro entre ambos se dá num dia ensolarado de primavera:

A casa deles [Francesco e Maria] possuía um jardim e como era primavera as árvores estavam com folhas novas, nos galhos cantavam passarinhos. [...]

Entraram na grande sala de estar, porque fora fazia muito sol; a sala estava mergulhada numa doce penumbra, uma réstia de sol resplendia no tapete e num relógio as horas caminhavam. (BUZZATI, 1986: 159).

Pela primeira vez na história de Drogo surge a chance de se romper o isolamento que o separa de todos. Maria efetivamente é o personagem que poderia modificá-lo, trazê-lo de volta para a cidade, por meio do amor. A descrição do cenário com árvores, pássaros cantando, o dia ensolarado, tudo parece destinar o casal para um encontro amoroso: “Ficara [Maria] sabendo que ele vinha e pusera um vestido azul, apertado na cintura, parecido com

outro que num dia distante lhe agradara. Drogo pensara que para ele seria emocionante, que seu coração bateria forte. (BUZZATI, 1986: 159).

No entanto, apesar do cenário bucólico, o encontro não atinge as expectativas de Drogo porque “alguma coisa se intrometera entre ambos” (BUZZATI, 1986: 161). O período de quatro anos no qual Giovanni ficara no forte foi suficiente para causar mudanças no casal:

[...] ele tinha uma sensação de desilusão e de frio. Não conseguia recobrar o tom de antigamente, [...].

[...] À sua frente estava uma pessoa diferente e nova, cujos pensamentos ele desconhecia. Ele mesmo, talvez não fosse mais aquele de antigamente, e fora o primeiro a falsear o tom. (BUZZATI, 1986: 160).

Há uma sensação de mal-estar que invade Drogo e Maria, os quais conversam sobre amenidades, conversa essa cercada de longos silêncios, de reticências:

Houve um lapso de silêncio, na sala em penumbra, onde chegavam do jardim cantos de pássaros e de um aposento, ao longe, acordes de piano, lentos e mecânicos, de alguém que estudava.

[2500?] [...] Tirei uma licença [2500?] disse Drogo.

[2500?] Só uma licença? [2500?] repetiu logo Maria e houve na voz uma vibração sutil (que podia ser mero acaso, desilusão ou mesmo verdadeira dor). Mas algo realmente se intrometera entre eles, um véu indefinido e vago que não queria se dissipar; talvez ele fora crescendo lentamente, durante a longa separação, dia após dia, afastando-os sem que nenhum dos dois soubesse.

[...] A conversa já estava se tornando penosa, a indiferença tomara conta dele. (BUZZATI, 1985: 161).

Até mesmo o piano, com seus acordes “tristes e metódicos”, contribui para que a tarde adquira um tom melancólico, monótono e desesperançado. Por fim, a moça comunica-lhe que irá para a Holanda e ficará lá alguns meses. O encontro que no seu início sugeriria o provável desenrolar de uma cena de amor, com passarinhos cantando, o casal ouvindo o som do piano, um jardim cheio de luz, não se consuma. Ao contrário, tudo se entristece, apaga-se, com o passar das horas:

A réstia de sol, percorrido todo o tapete, subia agora progressivamente ao longo dos entalhes de uma escrivantina. A tarde

já morria, a voz do piano tornara-se fraca; fora, no jardim, um passarinho solitário recomeçava a cantar.

[...] Agora estavam novamente distantes, entre eles se abria um vazio, em vão esticavam as mãos para se tocarem, e a cada instante a distância aumentava. (BUZZATI, 1986: 164-165).

O cenário idílico do começo do capítulo no qual o leitor depara-se com um dia de primavera, com muita luminosidade, dá lugar a um fim de tarde triste, lúgubre, desolador. Drogo despede-se de Maria “com exagerada cordialidade” e sai “sem se virar para trás, com passos marciais, até o portão de entrada, fazendo estalar no silêncio o cascalho da alameda” (BUZZATI, 1986: 165-166). Dessa forma, rompe-se qualquer tentativa de se restabelecer o relacionamento amoroso entre Drogo e Maria. O tempo vivido no forte cria um abismo intransponível entre Giovanni, Maria e os habitantes da cidade: “Aquela não era mais sua vida, ele tomara outro rumo, voltar atrás teria sido tolo e vão” (BUZZATI, 1986: 165).

Definitivamente, Maria desaparece da vida do tenente e do romance. “Seu aparecimento, tão cheio de promessas não evolui” (LINS, 1976: 56) e para Drogo termina qualquer ilusão de quebrar o isolamento no qual se acha imerso.

Nos fragmentos que extraímos do romance nos quais se dá o encontro do casal, pudemos comprovar que o espaço em torno do personagem Drogo vai se transformando, até entrar em comunhão perfeita com ele: o final de tarde que “já morria”, o som fraco do piano, o “passarinho solitário” refletem o seu estado de espírito: solitário, infeliz e incapaz de tomar qualquer iniciativa para mudar seu destino.

7 As Janelas

Giovanni Drogo encontra-se próximo a janelas em três cenas importantíssimas dentro do romance. Na primeira, ele conversa com seu superior hierárquico, o major Matti. Estava decidido a pedir transferência o mais breve possível:

O major calou-se por um instante, como para meditar sobre a melhor solução. Foi quando Drogo, virando um pouco a cabeça à esquerda, dirigiu os olhos à janela, aberta para o pátio interno. (BUZZATI, 1986: 27).

Mas Drogo mal ouvia as explicações de Matti, estranhamente atraído pelo quadrado da janela, com aquele pedacinho de despenhadeiro que despontava por cima da parede da frente. Um vago pressentimento que não conseguia decifrar insinuava-se em sua

alma; [...]. Uma partida imediata podia equivaler a uma confissão de inferioridade. Assim, o amor-próprio lutava contra o desejo de retomar a velha existência familiar. (BUZZATI, 1986: 30).

Assim, indeciso, com medo de que sua partida imediata fosse considerada como um ato de covardia, Giovanni deixa-se convencer pelo major Matti a ficar no forte por um período de quatro meses. Depois desse tempo, o major assegura-lhe que um atestado de saúde negativo permitirá sua transferência, sem problemas.

Na segunda cena, o jovem tenente entra no gabinete do médico do forte, Ferdinando Rovina. Quatro meses já se passaram. O médico vai dar-lhe um atestado, alegando que ele “sofre de alguns distúrbios do aparelho circulatório” (BUZZATI, 1986: 71) e que seu organismo não resiste bem àquela altitude:

Giovanni, em vez de sentar-se, aproximou-se da janela, e olhava de vez em quando para baixo, para os soldados enfileirados sobre a neve branca. O sol acabara de se pôr, entre as muralhas difundira-se uma penumbra azul. [...]

Drogo escutava sem interesse, atento que estava a olhar pela janela. (BUZZATI, 1986: 71).

Levado por sentimentos contraditórios: “já havia nele o torpor dos hábitos, a vaidade militar, o amor doméstico pelos muros cotidianos” (BUZZATI, 1986: 75), Drogo desiste do atestado e decide, contra todas as previsões, permanecer no forte, uma vez que “quatro meses haviam bastado para amalgamá-lo ao monótono ritmo do serviço” (BUZZATI, 1986: 75).

A incapacidade do personagem para a ação impedem-no de partir. Se, num primeiro momento, deixou-se facilmente convencer a ficar no forte, com o passar do tempo, ele não tem forças e nem a coragem suficiente para modificar sua vida radicalmente. A transferência possibilitar-lhe-ia uma vida nova, talvez até o casamento com Maria. Contudo, tal atitude exigiria do personagem uma audácia que ele não possui. Propenso sempre à contemplação, à resignação, ele opta pelo que considera mais fácil, já habituado à vida reclusa e sem horizontes do forte.

A proximidade do personagem junto a janelas é um índice revelador de sua indecisão, de sua incapacidade de agir. Tanto é assim, que drogo ao ser obrigado a deixar o forte por estar gravemente enfermo, vai para uma estalagem, e se senta numa poltrona, perto de uma janela:

Encontrou-se sentado numa larga poltrona, num quarto de dormir; e era uma tarde magnífica, que deixava entrar pela janela o ar perfumado. Drogo olhava mudo para o céu que se tornava cada vez mais azul, as sombras violetas do vale, as cristas ainda imersas no sol. [...] (BUZZATI, 1986: 238).

[...] Fazendo força, Giovanni endireita um pouco o peito, ajeita com a mão o colete do uniforme, olha ainda pela janela, um brevíssimo olhar para sua última porção de estrelas. Em seguida, no escuro, embora ninguém o veja, sorri. (BUZZATI, 1986: 242-243).

A janela pode ser vista como um símbolo da dúvida e da indecisão de Drogo. Ela fez parte daquilo que Bakhtin (1988: 254) considera como cronotopo (unidade de tempo e espaço) da soleira, que

impregnado de intensidade, com forte valor emocional, [...] pode se associar com o tema do encontro, porém é substancialmente mais completo: é o cronotopo da crise e da mudança de vida. A própria palavra “soleira” já adquiriu [...] um significado metafórico; uniu-se ao momento da mudança da vida, da crise, da decisão que muda a existência (ou da indecisão, do medo de ultrapassar o limiar.

No romance que estamos analisando, as janelas simbolizam a “indecisa” e o medo de mudar de vida. Entre o espaço restrito no qual Drogo vive e o espaço aberto que ele observa pela janela, a sua decisão é sempre permanecer no primeiro. Fora da janela existe a liberdade, a possibilidade do novo, do desconhecido, que ele não ousa enfrentar.

8 Palavras Finais

O espaço é um componente estrutural da máxima importância no romance *O deserto dos Tártaros*. Nessa obra a ação restringe-se a alguns capítulos e, na maioria das vezes, o que notamos é o espaço influenciando no ânimo do personagem, complementando-o ou refletindo seu estado de espírito.

A cidade onde Drogo vive é um “lugar do tempo cíclico dos costumes. Nela não há acontecimentos, há apenas o ordinário que se repete” (BAKHTIN, 1988: 353) indefinidamente. Tanto é assim que o narrador descreve-a com poucos traços e fica para o leitor a impressão de que se trata de uma cidade pequena, afastada de tudo, com moradores melancólicos e ruas desertas. Nesta

cidade está a casa do protagonista, também uma casa simples e com poucos cômodos.

O espaço, quando o narrador descreve a cidade, a casa e o quarto de Drogo, tem a função de caracterizar o personagem, precisando e revelando-o para o leitor.

A estrada será a metáfora do caminho da vida para Drogo. Ao percorrê-la, ele trilha um caminho sem volta. Esse caminho leva-o ao forte [2500?] a construção-prisão [2500?] que consumirá e destruirá sua vida.

As janelas do forte e da estalagem são índices que conotam a indecisão, a fraqueza e a incapacidade de ação e reação do personagem central da obra. Em seus momentos mais críticos, quando deve tomar uma decisão, ele está sempre próximo a uma janela. Entretanto, ele nunca se decide a enfrentar a realidade. Falta-lhe ousadia e coragem para agir. Inclinado à reflexão e não à ação, Drogo não é capaz de aventurar-se, de mudar de vida.

A possibilidade de mudança de vida surge para Drogo quando ele tira uma licença e vai ao encontro de Maria, com quem pretendia casar-se. Na casa dela, passam do jardim à sala de estar. Contudo, o tempo os distanciara e nem mesmo um cenário bucólico, favorecido pela luminosidade do sol, contribui para reatar os romances dos dois.

Todos os componentes espaciais presentes no romance e por nós estudados (cidade, casa, quarto, estrada, forte e deserto) têm uma mesma característica que se sobrepõe às demais: são locais solitários e que acabam por reforçar e realçar o isolamento no qual o tenente Drogo vive. Tal isolamento vai segregá-lo do convívio com outros seres humanos, pois os outros oficiais do forte são praticamente fantoches, “desconhecidos e absurdos” (BUZZATI, 1986: 48) e vai condená-lo a uma vida reclusa, infeliz e inútil: “A estrada de Drogo estava terminada; [...] e ao redor nem uma casa, nem uma árvore, nem um homem, tudo assim, desde tempos imemoriais” (BUZZATI, 1986: 239). A solidão invade-o e contamina todo o espaço que o cerca: tudo está vazio [2500?] “nem uma casa, nem uma árvore, nem um homem” [2500?] como a sua própria vida que se enfraquecera, esvaziara-se e definhara.

9 Referências

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. A teoria do romance. São Paulo: Hucitec; Editora da UNESP, 1988.

- BOURNEUF, Roland e OUELLET, Real. *O universo do romance*. Tradução de José C. Seabra Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.
- BUZZATI, Dino. *Il deserto dei Tartari*. Italia: Mondadori, 1976.
- _____. *O deserto dos Tártaros*. Tradução de Aurora F. Bernardini e Homero F. Andrade. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.
- CANDIDO, Antonio. Degradação do espaço (Estudo sobre a correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em *L'Assomoir*). *Revista de Letras*. Assis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 14: 7-36, 1972.
- _____. De cortiço a cortiço. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 123-152.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.
- GUILLÉN, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso*. Introducción a la literatura comparada. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978.
- OTTAVI, Antoine. *La littérature italienne contemporaine*. Paris: PUF, 1981.
- SALA, Alberico. Introdução. In: BUZZATI, Dino. *Il deserto dei Tartari*. Italia: Modadori, 1976.
- WELLEK, René e WARREN, Austin. *Teoria da literatura*. Tradução de José Palla e Carmo. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.